

Salvação e cura da criação: da superação da divisão entre terra e céu

Salvation and the cure of creation: overcoming the division between earth and heaven

La salvación y la curación de la creación: la superación de la división entre la tierra y el cielo

Helmut Renders

RESUMO

Resenha do livro SNYDER, Howard A. e SCANDRETT, Joel. *Salvation means creation healed: the ecology of sin and grace*. Eugene, OR: Cascade Books, 2011. 260 p. [Salvação quer dizer criação curada: Tradução do título: superando o divórcio entre terra e céu]

ABSTRACT

Review of the book SNYDER, Howard A. e SCANDRETT, Joel. *Salvation means creation healed: the ecology of sin and grace*. Eugene, OR: Cascade Books, 2011. 260 p.

RESUMEN

Reseña del libro SNYDER, Howard A. e SCANDRETT, Joel. *Salvation means creation healed: the ecology of sin and grace*. Eugene, OR: Cascade Books, 2011. 260 p.

Howard A. Snyder e Joel Scandrett apresentam um livro original, de fácil leitura, que abre uma conversa com os setores mais conservadores tanto das igrejas protestantes quanto das pentecostais. Depois da introdução – *Uma igreja saudável num planeta doente?* (p. xiii-xvii) – o livro é organizado em quatro grandes capítulos: *O divórcio entre o céu e a terra* (p. 3-64), *A doença e a cura* (p. 65-116), *A missão terapêutica (healing) de Deus* (p. 117-166), *A comunidade terapêutica (healing¹)*, p. 167-219), além da *Conclusão: viver a nova criação já* (p. 220-228).

O primeiro capítulo descreve as razões pelas quais o distanciamento entre terra e céu (p. 3ss) é percebido como problema-chave da atual

¹ Optamos pelo termo “terapêutico” porque entendemos que *healing* indica mais um processo em andamento do que uma ação acabada.

teologia, destacando quatro tendências decisivas e formativas já até 330 d. C. (p. 11ss) e mostra sinais de esperança (p. 28ss) sem se mostrar demasiadamente saudosos com o protestantismo (p. 40ss). Os autores destacam a transição de uma narrativa compreensiva para formulações doutrinárias abreviadas e a influência do dualismo neoplatônico (da época dos mártires [testemunhos] para a época dos ascéticos; da *koinonia* para a hierarquia). Ironicamente, foi o casamento entre Estado e Igreja que selou, até 800 d. C., a divisão entre sagrado e secular, clero e laicato. A expressão máxima dessa divisão ocorreu ao redor de 1500, como uma ideia da fé cristã fixada na “viagem de um mundo para o próximo” (p. 17), sendo por sua vez, a base da ideologia das cruzadas (p. 20ss) e (assim nós crescemos, argumento secundário do colonialismo).

O segundo capítulo contrasta “A ecologia do pecado” (p. 65ss) e a proposta do evangelho como terapia “completa” (93ss). Nesta designação, parece-nos transparecer a antiga ênfase metodista na perfeição cristã, em resposta aos gemidos da criação (p. 82). Neste capítulo, encontramos uma linguagem mais clássica e teológica do que sociológica. Não estranhos à teologia wesleyana em geral, os autores enfatizam o aspecto relacional da interação divino-humana e favorecem o conceito da doença para descrever o pecado da humanidade como uma quádrupla alienação (de Deus, p. 68ss; do/a outro/a, p. 70ss; de si, p. 73ss e (!) da terra, p. 76). Depois de uma breve apresentação dos principais problemas ecológicos (mudança do clima, p. 86ss; os oceanos, p. 88; desflorestamento, p. 90; extinção de espécies, p. 90ss), os autores apresentam o evangelho e sua “abrangência plena da salvação” (p. 95). Nessas passagens, eles se referem especialmente à contribuição de John Wesley e suas intuições da interação entre alma e corpo e sua compreensão do caráter “bom” da natureza em correspondência à “boa” nova do evangelho (p. 96ss). As argumentações cristológicas e pneumatológicas (p. 98ss) fecham com uma apresentação da salvação como “drama trinitário” (p. 103ss), novamente com referência crítica às teologias herdeiras das escolas neoplatônicas.

No terceiro capítulo, os autores desenvolvem o horizonte da “Missão terapêutica de Deus”, falando de Deus, do povo e da terra (p. 117ss), do reino de Deus (p. 135ss) e da presença terapêutica da divindade como fim da escatologia (p. 145ss). Em dois movimentos, descrevem a dinâmica do *shalom*: “Deus dá a terra, a terra sustenta o povo e o povo louva a Deus” (p. 124); “Deus chama e abençoa o povo, o povo cuida e desfruta a terra, a criação glorifica Deus” (p. 125). Que esta visão vai além de Israel, os gráficos nas páginas 126 e 128 deixam bem claro. Em diversos momentos, aparece o conceito da *missio Dei*, porém, em geral, na perspectiva wesleyana com a sua ênfase na participação da humanidade. Para a atualidade, são importantes, em seguida, as reflexões

sobre um discipulado holístico e “terrestre” (p. 131ss). Sua escatologia é qualitativa, não enfatiza o *quando* como uma previsão, isto é, favorece o *kairós* e não o *crónos*. Retomando a categoria da cura ou terapia, eles se referem agora a uma quádrupla reconciliação com Deus (p. 147ss), consigo (p. 147ss), com os outros (p. 149) e com a terra (p. 149ss). Devemos cuidar da criação por causa de Deus (p. 151ss), de nós (p. p. 152ss), pelo bem da própria criação (p. 154ss), das futuras gerações (p. 155ss) e da missão (!; p. 155ss).

No quarto capítulo, o foco está na igreja como comunidade terapêutica. O autor sugere a necessidade de um “renascimento” da igreja, pela redescoberta – ou talvez releitura – do seu papel (p. 167ss) e descreve de forma bem performativa as características de uma comunidade (*community*) terapêutica (p. 185ss) favorecendo a comunhão (*community*) colaboradora entre terra e céu (p. 206ss) como superação do divórcio entre céu e terra (p. 3ss). Repare-se a inversão – de “céu-terra” para “terra-céu” como resultado dessa interação.

Um dos méritos do livro aqui apresentado está na sua capacidade de relacionar conceitos teológicos com observações do cotidiano. Como resultado dessa “tradução”, pessoas com pouca bagagem teológica serão capazes de entender o impacto de uma ou outra conceituação. Aliás, os autores partem primeiro da vida e somente depois trazem os conceitos. Por exemplo, no primeiro capítulo, eles descrevem o “grande divórcio” na teologia a partir do seu reflexo no pensamento simples de um cristão, uma cristã (p. 4ss):

...pensar que salvação trata somente da alma, não do corpo; enxergar nenhum significado espiritual em coisas materiais; viver a vida na terra como algo irreal ou de pouca importância [...]; pensar que a beleza nesta vida (natureza, pessoas, arte, música) ao fim das contas não importa se não aponta a beleza espiritual; entender o mundo atual como mal e sob o controle total de Satanás; ignorar o mandato bíblico de cuidar da criação...

Depois, o leitor fica sabendo que isso é um dos efeitos bem concretos do “pensamento neoplatônico” (p. 13) que consagrou a divisão entre céu e terra entre 800 e 1500 (p. 15ss) como resultado do casamento entre Estado e Igreja (p. 17).

Certamente importante para o/a leitor/a brasileiro/a é a cuidadosa – e não hostil, mas compreensível – análise do imaginário e pensamento teológico do chamado movimento evangelical (p. 45-60), discutindo sua versão da separação entre céu e terra; sua tendência platônica (p. 46ss); sua herança conflitante quanto à razão (p. 48ss); sua aceitação da ideologia do capitalismo (p. 49ss); sua proximidade ao individualismo

estadunidense (p. 51); sua compreensão reduzida da doutrina bíblica da criação (p. 52), finalmente, sua ampla aprovação de teorias dispensacionistas e milenaristas na atualidade (p. 55-59; cf. também p. 157ss). Snyder analisa esses acentos em sua relação à visão da salvação que incluía a criação. Ao lado dos seus questionamentos quanto à ideologia capitalista, a declaração do fim da escatologia, será certamente o segundo tema que causará mais discussões por desafiar discursos acostumados e consagrados e, tantas vezes, considerados inquestionáveis. Perguntamo-nos se “o fim da escatologia” em Snyder não representa mais sua rejeição a um dualismo apocalíptico ou uma teologia construída de forma dicotômica e sua proposta de uma escatologia kairótica.

Apreciações finais

O livro aqui apresentado aborda uma das recentes ênfases da teologia wesleyana contemporânea – a da nova criação – junto a um público não familiarizado com o tema. Entretanto, é altamente original e nem cita, por exemplo, as obras *Nova criação* de Theodore Runyon ou os textos ecológicos de *John Cobb Jr.* O texto foi escrito de um e para outro ambiente eclesial, de caráter mais evangelical e pentecostal. Com isso, ele tem o mérito de abrir um diálogo sério e muito necessário entre teologia e esses grupos de igrejas. Percebe-se que os autores conhecem seus leitores e suas leitoras, seu mundo, sua forma de pensar e seus temas centrais.

Um segundo mérito é que os autores não se entregam simplesmente às vozes, provavelmente, majoritárias nas suas igrejas da tradição *holiness*, mas procuram indicar novas perspectivas e conduzir a igreja para novas práticas. Assim e apesar da sua concepção, digamos, “clássica”, é um livro corajoso e, ao mesmo momento, esperançoso. Os autores apostam na qualidade dos seus exemplos e dos seus argumentos, mas também na capacidade de discernimento e do aprendizado dos seus leitores e leitoras. Assim, o tom do texto em si é, de forma transversal, “reconciliador” e acolhedor.

Por último, chama a nossa atenção a capa. A reprodução de *Peacable Kingdom* (reino de paz), de Edward Hicks, pintado em 1833, representa um clássico “mito de origem” estadunidense (os autores não deram esta referência). A pintura reafirma imagetivamente a saga da convivência supostamente pacífica entre os puritanos sob liderança de Penn e os indígenas de Nova Inglaterra, alegando um paralelo com Isaías 11. Na época que Hicks faz a referência ao passado, o governo dos EUA começou deportar as últimas tribos indígenas residentes da parte ocidental do país, apesar de serem consideradas “pacificadas”. A história refere-se àquele segundo evento como a grande marcha das lágrimas (1833-1836). Além da releitura de teologias e práticas, o projeto do reino, assim entendem os autores, requer a superação de mitos nacionais que encobrem realidades em vez de transcendê-las...